

RBEMF

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA MONETÁRIA E FINANCEIRA

Volume 4 | Número 1 | 2026

ISSN 3085-7643

Diálogo entre as abordagens de inserção externa em Celso Furtado e Erik Reinert

Gabriel Raymond Le Campion

Ana Maria Rita Milani



Diálogo entre as abordagens de inserção externa em Celso Furtado e Erik Reinert¹

Dialogue between the approaches to external insertion in Celso Furtado and Erik Reinert

Gabriel Raymond Le Campion

Economista pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ex-membro do Programa de Educação Tutorial (PET-UFAL). Mestrando em Economia pelo Programa de Pós Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE-UFRGS). E-mail: lecamps5@gmail.com

Ana Maria Rita Milani

Doutora em Economia pela UFRGS. Professora Titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade Federal de Alagoas (FEAC-UFAL). Professora permanente do Curso de Mestrado em Economia (PPGE-UFAL). E-mail: ana.milani@feac.ufal.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo promover um debate entre o conceito de subdesenvolvimento e a visão de inserção internacional em Celso Furtado e os conceitos de desvantagens comparativas, emulação, e reprimarização, apresentados pelo economista Erik Reinert. A inserção internacional para Furtado (1983, 2009) se apresenta como um fator estratégico para os países subdesenvolvidos. Reinert (2016), também salienta a importância do contexto internacional, diante das condicionantes liberalizantes as quais os países ricos impõem aos países pobres, e como isso afeta a geração de riqueza nessas nações. Podemos concluir que os autores possuem complementariedades em suas obras que são as seguintes: (i) a defesa da industrialização como motor do desenvolvimento; (ii) inserção internacional como setor estratégico de uma economia; (iii) crítica ao livre comércio como benéfico a todas as partes; e (iv) a ótica do desenvolvimento como fenômeno histórico e material, não somente preso a noção do crescimento econômico.

Palavras-chave: subdesenvolvimento. Inserção internacional. Primitivização. Emulação.

Abstract

This article aims to promote a debate between the concept of underdevelopment and the vision of international insertion in Celso Furtado and the concepts of comparative disadvantages, emulation, and reprimarization, presented by economist Erik Reinert. International insertion for Furtado (1983, 2009) presents itself as a strategic factor for underdeveloped countries. Reinert (2016) also emphasizes the importance of the international context, in view of the liberalizing conditions that rich countries impose on poor countries, and how this affects the generation of wealth in these nations. We can conclude that the authors have complementarities in their works, which are the following: (i) the defense of industrialization as a driver of development; (ii) international insertion as a strategic sector of an economy; (iii) criticism of free trade as beneficial to all parties; and (iv) the perspective of development as a historical and material phenomenon, not only limited to the notion of economic growth.

Keywords: Underdevelopment. International insertion. Primitivization. Emulation

¹ Artigo apresentado no XXX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA (ENEP), Campina Grande – PB, 2025, na sessão de comunicação

1. Introdução

O debate acerca do desenvolvimento econômico apresenta diferentes abordagens, entre as quais podemos destacar os processos de desenvolvimento e os meios essenciais para que uma nação alcance a riqueza. Uma contribuição importante pode ser encontrada nos trabalhos de Celso Furtado (2009), que, em seu livro, “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento” aborda as características históricas do desenvolvimento e define subdesenvolvimento como a reprodução de estruturas híbridas decorrentes da expansão capitalista europeia nas quais a inserção da empresa estrangeira não consegue modificar a estrutura econômica local.

A ideia apresentada por Furtado (1983, 2009) sobre a inserção internacional, a partir de uma visão crítica à teoria das vantagens comparativas, a defesa de uma economia industrial para a superação do subdesenvolvimento e a posição internacional como fator estratégico para os países periféricos, também é abordada pelo economista Erik Reinert (2016) em seu livro: “How Rich Countries Got Rich ... and Why Poor Countries Stay Poor”. Neste livro, o economista norueguês destaca como os países subdesenvolvidos concentram suas atividades produtivas no setor primário das cadeias produtivas (commodities), os quais estão inseridos em mercados com concorrência perfeita e rendimentos de escala decrescentes². O autor salienta também a importância do contexto internacional, diante dos condicionantes liberalizantes impostos pelas nações ricas aos países pobres, e os efeitos sobre a geração de riqueza nessas economias. Além disso, Reinert (2016) demonstra que nações podem regredir em seu modo produtivo, por meio do processo de primitivização de suas cadeias produtivas.

O presente artigo tem como objetivo promover um debate entre o conceito de subdesenvolvimento e a visão de inserção internacional em Celso Furtado e os conceitos de desvantagens comparativas, emulação e reprimarização apresentados pelo economista Erik Reinert.

A metodologia está baseada em uma revisão teórica e bibliográfica de caráter qualitativo, na qual serão consideradas as seguintes categorias analíticas: por um lado, desenvolvimento, subdesenvolvimento, homogeneização social e modernização em Celso Furtado e, por outro lado, desvantagens comparativas, emulação e primitivização em Erik Reinert.

Além desta introdução, o artigo está dividido em três seções. Na segunda seção, são apresentadas as contribuições de Celso Furtado (1983, 2009), destacando os conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento, além de revisitar o conceito de economia híbrida, com ênfase na defesa da industrialização, posicionamento internacional e do Estado como promotor do desenvolvimento. Na terceira seção serão apresentados os conceitos de desvantagens comparativas, manual padrão, emulação e primitivização apresentados por Erik Reinert (2016). Na quarta seção, abordaremos o debate acerca das convergências e divergências entre os autores. Por fim, se apresentam as considerações finais.

2. Contribuições de Celso Furtado ao pensamento econômico

Nesta seção, explicaremos as categorias de análise de Celso Furtado (1983) que irão subsidiar as interpretações realizadas no artigo, sendo elas, portanto, o processo de desenvolvimento e subdesenvolvimento, a armadilha do processo de modernização e as influências da inserção externa dos países em seu processo de desenvolvimento.

2.1 Desenvolvimento e Subdesenvolvimento

Um dos pontos centrais da obra de Celso Furtado (2009) é sua concepção do processo de desenvolvimento como fenômeno interligado ao processo de formação histórica e cultural local,

² A lei dos rendimentos marginais decrescentes diz que, à medida que aumenta o uso de um insumo em incrementos iguais (mantendo-se fixos os demais insumos), acaba-se chegando a um ponto em que a produção adicional resultante decresce. (Pindyck, Rubinfeld, 2014, p.200).

que atua de forma singular, sendo também analisado por meio do instrumental analítico das ciências econômicas. Nesse sentido, Furtado (2009) ressalta que:

O desenvolvimento econômico é um fenômeno com uma nítida dimensão histórica. Cada economia que se desenvolve enfrenta uma série de problemas que lhe são específicos, se bem que muitos deles sejam comuns a outras economias contemporâneas. O complexo de recursos naturais, as correntes migratórias, a ordem institucional, o grau relativo de desenvolvimento das economias contemporâneas singularizam cada fenômeno histórico de desenvolvimento (Furtado, 2009, p.23).

Assim, Furtado (2009) demonstra que o processo de desenvolvimento se realiza a partir do momento em que ocorrem novas combinações dos fatores já existentes, ou também pela introdução de novas técnicas. Também afirma que resumir esse fenômeno a apenas o efeito de um conjunto de variáveis não econômicas que afetam a produção de uma economia é uma limitação de seu significado. Todo processo de desenvolvimento jamais poderá ser considerado universal sem examinar o seu próprio contexto histórico. Furtado (2009) analisa a revolução industrial para explicar como se apresenta o desenvolvimento da produção, à medida que se consolidava a mecanização da indústria têxtil inglesa, a velha estrutura produtiva artesanal era destruída devido à incapacidade de acompanhar o ritmo produtivo e os preços da indústria. Nesse ponto, a oferta de mão-de-obra se encontrava em enorme abundância, visto a desorganização da economia artesanal pré-capitalista. Os lucros, nesse contexto, eram suficientemente atrativos para a sustentabilidade da indústria da Inglaterra, o que aumentou a demanda por bens de capital.

Com o decorrer do tempo, à medida que a mão-de-obra foi sendo absorvida pela dinâmica industrial inglesa, a pressão por uma maior redistribuição de renda também aumentou. Então, tornava-se necessário incorporar cada vez mais bens de capital na economia inglesa. Como resposta a esse desequilíbrio, a economia inglesa optou pelo incentivo à criação de novas técnicas e tecnologias, além de expandir seu mercado consumidor em escala global, o que possibilitou a Inglaterra conciliar redistribuição de renda, ao mesmo tempo em que crescia cada vez mais a participação da indústria de bens de capital. Portanto, o desenvolvimento econômico se traduz em grandes transformações estruturais, refletidas na ótica da produção e da distribuição, e em sua capacidade de se tornar endógeno nas economias, destacando o papel fundamental da indústria e seus efeitos positivos na criação e reestruturação de tecnologias e técnicas.

Assim, Furtado (2009) define o subdesenvolvimento como resultado do processo de expansão da economia industrial europeia sobre as demais regiões, já ocupadas, com sistemas produtivos seculares de diversos tipos, porém, de cunho pré-capitalista. Nesse sentido, Furtado (2009, p.153) salienta:

O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. Para captar a essência do problema das atuais economias subdesenvolvidas necessário se torna levar em conta essa peculiaridade (Furtado, 2009, p.153).

Diante da necessidade de expansão da economia industrial europeia, principalmente no que tange a demanda por novos mercados consumidores e a necessidade de se sustentar as margens de lucro decorrentes da revolução industrial, o mundo experimentou a grande ascensão de novos impérios comerciais e capitalistas. Nesse contexto, a entrada da empresa capitalista em regiões arcaicas não consegue reproduzir o processo de desenvolvimento, pelo contrário, tende a perpetuar as características locais, sem modificar as estruturas. É a partir desse processo no qual o pensador apresenta o conceito de economias híbridas, característica crucial para compreendermos o processo de subdesenvolvimento, pois o processo de inserção da empresa estrangeira nas economias atrasadas gera estruturas híbridas (ou economia dual), que podem ser definidas como dois setores de produção: um capitalista e outro arcaico que não estabelecem relações intrasetoriais.

Além disso, Celso Furtado (1983, p.165) demonstrou que numa estrutura híbrida os saldos produzidos na parte capitalista não se inserem de forma dinâmica na economia local e, em geral, são exportados para outras regiões. A dualidade que caracteriza os países subdesenvolvidos se faz presente tanto no caráter cultural, no que diz respeito à disparidade entre os padrões de consumo das elites e das camadas populares, porém é fortemente ressaltada em uma economia que baseia sua produção em itens de subsistência e bens primários (Kalvan, 2000).

Portanto, a noção de Furtado no que diz respeito ao subdesenvolvimento possui raízes históricas determinantes, ligadas à formação estrutural e cultural de uma nação (Nery, 2004 apud Bielschowsky, 2000a). O processo histórico, que foi respaldado pela defesa da liberalização do comércio entre as nações periféricas, justifica sua conclusão acerca das disparidades resultantes da expansão do comércio internacional. A emergência do capitalismo no século XIX consolidou estruturas híbridas, com um lado capitalista e outro arcaico³.

2.2 Industrialização, modernização e inserção internacional em Celso Furtado.

A indústria, segundo Celso Furtado (1983), exerce um papel dinamizador único nas economias modernas e contemporâneas, por demandar maior dotação de capital por unidade de outros fatores, pela assimilação de progresso técnico e pela flexibilidade da estrutura produtiva. Logo, as atividades manufatureiras são de importância ímpar para o processo de desenvolvimento, visto sua característica de versatilidade própria e capacidade de ofertar novos produtos, ou até mesmo modificar a forma dos produtos tradicionais, em economias em processo de desenvolvimento. Segundo Furtado (1983):

O crescimento do fluxo de renda que acompanha o desenvolvimento assume a forma de diversificação da procura, e uma das características dessa diversificação é o aumento mais que proporcional da procura de produtos manufaturados. Esse fenômeno tem sua explicação no fato de que a atividade manufatureira, em razão de sua versatilidade própria, está sempre em condições de introduzir novos produtos ou de modificar a forma dos tradicionais (Furtado, 1983, p.173).

Para o autor, as atividades dos países periféricos – em especial, os latino-americanos – se concentravam na produção de bens primários, em conformidade com a demanda internacional por esses produtos. Por outro lado, os países cêntricos (desenvolvidos) apresentam em sua pauta exportadora uma considerável produção de bens manufaturados, intensivos em técnicas e tecnologias modernas.

Assim, o autor defende que a forma de inserção é fundamental para entender o grau de desenvolvimento ou subdesenvolvimento observado nos países. Nesse sentido, o comércio externo não é apenas observado como resultado da expansão capitalista decorrente da revolução industrial, mas também como processo que influencia diretamente na dinâmica produtiva nacional. As economias desenvolvidas (cêntricas) exportam suas empresas às nações subdesenvolvidas (periféricas), ou seja, inserem-se no comércio externo pela produção de bens manufaturados. Ao mesmo tempo, a expansão do comércio exterior, pela ótica dos países periféricos, se expressa na estruturação de economias que produzem bens para alimentar as indústrias dos países desenvolvidos, em setores primários da economia.

Assim, nas economias de centro, o mercado internacional atua como um gerador de mercado consumidor e agregador de renda dinâmica, enquanto as economias periféricas evoluem com uma expansão do consumo dos produtos internacionais e de atividades primárias voltadas à sustentação da indústria transformadora dos países cêntricos, o que gera disparidade de renda

³ Apesar de definir as economias híbridas como a coexistência de um modo produtivo capitalista e outro arcaico, Celso Furtado (2009, p.157) também ressalta que, algumas nações (a exemplo do Brasil) apesar de apresentarem o dualismo furtadiano, também apresentam em sua estrutura não capitalista características de uma economia monetária de produção, visto a geração de massas de salários terem sido suficiente para perpetuar esse caráter monetário.

entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Portanto, Celso Furtado (1983) reforça que a posição internacional importa e deve ser tratada como crucial em um processo de desenvolvimento.

Celso Furtado (1983) defende que a reestruturação produtiva do país, deveria ocorrer sob um caráter industrializante, gerando efeitos positivos capazes de desconstruir a economia híbrida nacional, e, ao mesmo tempo, produzir uma homogeneização social⁴. A aceitação do posicionamento internacional das economias subdesenvolvidas gera o processo de modernização⁵, visto os efeitos nocivos das elites aculturadas e a necessidade, por parte desse grupo, de emular os padrões de consumo importados das nações desenvolvidas.

Para o autor, a defesa da industrialização pode gerar um potencial estruturante suficiente para o desenvolvimento interno, reordenando a estrutura híbrida – marcante nas sociedades subdesenvolvidas – em uma economia industrial completa, gerando homogeneização social e ocupando uma posição internacional mais privilegiada e na vanguarda tecnológica.

3. Erik Reinert: o processo de desvantagens comparativas e de primitivização.

Um dos principais autores que debatem o processo de geração da pobreza no século XXI é o economista Erik Reinert (2016). Sua obra constitui uma crítica fundamental à economia *mainstream*, que nunca conseguiu explicar a pobreza nem o subdesenvolvimento como fatores históricos autônomos e determinantes da dinâmica da economia global. Nesse sentido, Reinert (2016) é categórico ao evidenciar que os axiomas neoclássicos são diretamente associados à proliferação da desigualdade entre as nações, expondo o cunho liberalizante das economias pós-Guerra Fria. Além de uma excelente crítica, o pensador demonstra como a defesa da autonomia produtiva, com a inserção em mercados de rendimentos de escala crescente, pode ser influenciada pela abundância de recursos naturais, uma armadilha estrutural que pode inibir o desenvolvimento. Por fim, Erik Reinert (2016) demonstra como a liberalização das cadeias produtivas é capaz de reverter os avanços promovidos pela industrialização em economias menos desenvolvidas, levando à primitivização.

3.1 Desvantagens comparativas, abundância de recursos e emulação.

A partir do momento em que uma nação se insere no sistema global, sua posição deve ser tratada como estratégica no âmbito de projetos de desenvolvimento, uma vez que segundo Reinert (2016, p. 235), as economias inseridas em atividades primárias tendem a se deparar com limites estruturais associados aos rendimentos decrescentes. Nesse sentido, o autor destaca a importância da pauta produtiva das nações e evidencia as armadilhas presentes nas proposições das teorias liberais.

Com esse fundamento, o pensador destaca que a diferença entre as economias hoje consideradas ricas e pobres se concentra nas atividades produtivas e seus rendimentos de escala. Nações mais ricas concentram sua pauta produtiva em atividades com rendimentos de escala crescente, ao mesmo tempo que economias subdesenvolvidas, são intensivas em atividades de escala decrescente. Essa relação impacta diretamente na formação de preços de uma economia e na sua capacidade de geração de mão-de-obra qualificada, fatores fundamentais para a superação da pobreza.

Reinert (2016) argumenta que as economias ricas concentram suas atividades em mercados de concorrência imperfeita, nos quais se obtêm rendimentos crescentes de escala na produção obtida

⁴ “O conceito de homogeneização social não se refere à uniformização dos padrões de vida, e sim a que os membros de uma sociedade satisfazem de forma apropriada as necessidades de alimentação, vestuário, moradia, acesso à educação e ao lazer e a um mínimo de bens culturais” (Furtado, 1992, p.38)

⁵ Modernização é um processo a qual uma economia consegue assimilar o progresso técnico quase que exclusivamente no plano do estilo de vida, mas com uma fraca contrapartida em sua transformação do sistema de produção (Furtado, 1992, p.41).

em cada setor produtivo atrelada à indústria manufatureira. Ao mesmo tempo, a concorrência perfeita, muito atrelado à indústria extrativista e a agricultura, são os principais mercados nos quais as nações pobres se inserem com a produção interligada à demanda do mercado internacional. Assim, o autor apresenta a crítica do receituário imposto pelo “manual padrão”, que aborda medidas políticas e econômicas implementadas pela economia *mainstream* a partir do fim do século XX. São destacadas: 1) a defesa do livre comércio entre as nações, evidenciando o princípio de autorregulação dos mercados; 2) liberalização comercial e financeira, que aumentaria a eficiência econômica de uma sociedade; 3) universalização de suas políticas macroeconômicas como chave para o desenvolvimento; 4) a produção pautada pela teoria das vantagens comparativas ricardianas, as quais justificariam a produção de *commodities* como um motor para o desenvolvimento econômico das nações mais periféricas (Do Val Consentino, 2017). Esse manual econômico é apresentado ao mundo, por Reinert (2016), em um contexto de fim da Guerra Fria e pregando diametralmente o oposto das medidas econômicas adotadas pelos países ricos, segundo o autor:

A história revela como os países ricos tornaram-se ricos usando métodos que hoje estão proibidos pelas “condicionalidades” do Consenso de Washington. Aparecendo em cena em 1990, imediatamente após a queda do Muro de Berlim, o Consenso de Washington exigiu, entre outras coisas, a liberalização do comércio e dos fluxos de investimento direto estrangeiro, a desregulamentação dos mercados e a privatização de empresas públicas. As reformas, da forma como foram realizadas, tornaram-se sinônimo do neoliberalismo e fundamentalismo de mercado (Erik S. Reinert, p.53, 2016).

A adoção desse receituário, não seria suficiente para o desenvolvimento das nações periféricas, tampouco se tratou do receituário que os países ricos adotaram para se desenvolver. Como ponto de partida dessa afirmação, Erik Reinert (2016, p.48) apresenta um relato histórico escrito pelo pensador Antonio Serra, que analisa o contraste entre o desenvolvimento de duas regiões – Nápoles e Veneza. Dentro do caso explorado por Serra, no século XVII, é de se notar que a ausência de recursos naturais na região de Veneza, região que era mais desenvolvida, motivou sua diversificação produtiva e qualificação de mão-de-obra, ao mesmo tempo em que a região de Nápoles – mais pobre – que detinha abundância de recursos naturais, orientou sua economia para a extração desses recursos. Segundo Reinert:

Na visão de Serra (século XVII), a chave para o desenvolvimento econômico era ter grande número de diferentes atividades, todas sujeitas a custos cadentes e rendimentos crescentes. Paradoxalmente, ser pobre em recursos naturais seria a chave para se tornar rico (Reinert, 2016, p.48).

O contexto italiano demonstra o fenômeno que Reinert (2016) apresenta como “desvantagens comparativas”, o qual regiões/nações que não detêm abundância de recursos, tendem a diversificar ainda as forças produtivas, a ponto de sofisticar sua produção tanto em qualificação, quanto em técnicas, o que eleva o valor agregado da produção. Esse processo relatado por Antonio Serra reforça como a adoção do receituário ricardiano necessita de uma atenção, visto que a abundância de recursos naturais também pode, contrariando o “manual padrão”, expor uma economia a um cenário de doença holandesa⁶ ou até mesmo maldição dos recursos⁷ (*resource curse*).

⁶ Doença holandesa trata-se de uma sobreapreciação permanente da taxa de câmbio de uma nação, trata-se de um resultado da existência de recursos naturais em abundância e baratos (ou de mão-de-obra barata com um diferencial de salários consideráveis), isso garantiria rendas ricardianas aos países que os possuem e exportam as commodities com eles produzidos. É, portanto, uma falha de mercado que afeta quase todos os países em desenvolvimento (...) (Bresser-Pereira, Marconi, Oreiro, 2008).

⁷ A teoria da maldição dos recursos, ou também conhecida como paradoxo da abundância, é um fenômeno ao qual uma nação que detém enormes quantidades de recursos naturais apresentaria, ao longo prazo, baixo crescimento e desenvolvim4ento econômico (Pamplona, Cacciamali, 2017).

Além disso, Reinert (2016) apresenta o conceito de “emulação”, que se refere à escolha das nações ou regiões de criar novas riquezas, por meio da inovação e criatividade, contrariando a tese que a principal fonte da riqueza surge mediante a conquista de novas terras ou espaço. A “emulação” preserva as boas heranças da economia iluminista e se demonstrou como fenômeno fundamental para a superação dos vícios dos rendimentos decrescentes, estes que foram superados pelo incentivo à industrialização, que gerou aos centros urbanos europeus pós-iluministas rendimentos crescentes.

Portanto, o autor destaca que o processo de “emulação” foi fator determinante para o enriquecimento das economias europeias e, posteriormente, dos Estados Unidos da América (EUA). A escolha pela “emulação” contrapõe o espírito ricardiano das vantagens comparativas e, por consequência, as medidas recomendadas pelo “manual padrão” econômico, sobretudo ao considerar a especialização na produção de recursos naturais abundantes, em setores nos quais se concentram atividades com rendimentos decrescentes de escala.

3.2 O conceito de primitivização em E. Reinert

Um dos fatores centrais na obra de Erik Reinert é a inserção internacional das economias no processo de globalização. A queda do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria marcaram no mundo a expansão e consolidação do neoliberalismo como um modo de produção e ordenamento social hegemônico. O receituário proposto pelo neoliberalismo, que viria a ser recomendado pelo Consenso de Washington, se consolida na história econômica a partir dos anos 1970, com o abandono da macroeconomia das ideias anticíclicas keynesianas em troca da liberalização das relações produtivas e de trocas, principalmente em economias latino-americanas (Milani, 2017).

Nesse contexto, o pensador se dedica a estudar o processo de desindustrialização da economia da Mongólia. A situação de sua capital Ulan-Bator, em março de 2000 era extremamente precária, a industrialização, após o término da Guerra Fria, foi praticamente sido erradicada, principalmente as mais avançadas. Segundo destaca Erik Reinert (2016):

As estatísticas mostravam que, uma a uma, as indústrias do país haviam desaparecido, começando pelas mais avançadas. (...) A produção de pão caíra 71%, e a produção de livros e jornais, 79%. (...) Em poucos anos, os salários reais haviam sido cortados pela metade, e o desemprego era crescente. As importações ultrapassavam duas vezes o valor das exportações e a taxa real de juros era de 35% (Reinert, 2016, p.236).

O processo de destruição da indústria Mongol, pós reforma de 1991, pode ser entendido como um caso clássico de “primitivização” econômica, sendo definida por Reinert (2016) como o ponto no qual a sociedade do país regride o modo produtivo para um mais obsoleto. A economia da Mongólia, ao se inserir nos mercados globais, vivenciou em apenas quatro anos a desconstrução do progresso industrial ocorrido no século XX, e sua diversificação industrial deu lugar a um processo de liberalização econômica, muito elogiada pelo Banco Mundial (*world bank*) – a época – como seu “melhor aluno”. Ao término do processo histórico estudado, o crescente processo de desindustrialização, somado também a queda dos salários reais e a desconstrução do estado Mongol, gerou forte onda de desemprego doméstico. Em resposta a esse processo, o país Asiático, que outrora vivenciara a onda industrializante, muito comum nas nações subdesenvolvidas no século XX, passou a cada vez mais regredir em seu processo produtivo, a ponto de regressar a seu modo de vida ancestral, no caso, o pastoreio nômade.

A readequação da economia mongol ao modo de produção voltado ao nomadismo, é uma clara expressão do processo de primitivização, devido a perda dos rendimentos crescentes de escala e do papel dinamizador da industrialização. Ao se aceitar as propostas do consenso de Washington,

os países pobres perdiam em conjunto sua capacidade de gerar a “destruição criadora” schumpeteriana⁸, e por fim, se condenavam a se especializar na produção de pobreza.

Em suma, o processo de primitivização também é configurado por não apenas uma regressão do modo produtivo de uma nação, mas também por uma readequação à produção primária de baixo valor agregado. A especialização produtiva de *commodities* não foi a resposta dos países ricos na geração de riqueza, mas a dos países pobres na perpetuação da pobreza. Apesar de um grupo de economias subdesenvolvidas ter passado por um surto de industrialização tardia, ao adotarem as medidas liberalizantes do Consenso de Washington, essas economias perderam sua ocupação no mercado internacional e sofreram regressão em sua pauta exportadora, agora concentrada em atividades de rendimentos decrescentes. Com base nisso, Erik Reinert (2016) argumenta em prol da defesa do setor industrial manufatureiro, independentemente de sua escala de eficiência, visto que a capacidade de inserção nos mercados e sua escala são fatores únicos desse setor, sendo impossível substituí-lo pela dinâmica do setor industrial extrativista ou agrário. É sempre preferível a presença da indústria de manufaturas a ausência de atividade industrial.

Isso posto, o pensador conclui que o processo de especialização produtiva em matérias-primas não foi o que desenvolveu as nações mais ricas, mas mantém as nações mais pobres condenadas à pobreza. As economias subdesenvolvidas que passaram por um surto de industrialização tardia, ao adotarem medidas liberalizantes, além da perda de sua ocupação no mercado internacional, esbarram nas barreiras dos rendimentos de escala decrescente. Segundo Erik Reinert (2016), é evidente que a agricultura, serviços e indústria desempenham papéis distintos em uma economia e possuem suas especificidades econômicas. Em última instância, a adesão de políticas macroeconômicas liberalizantes em economias periféricas pode resultar em primitivização de seu modo produtivo. Segundo Erik Reinert:

Na sua essência, a forma normal da primitivização, como fenômeno econômico, está vinculada a rendimentos decrescentes ali onde um fator de produção é produzido por um ato de Deus e só está disponível em quantidades cada vez menores (Erik S. Reinert, 2016, p.234).

Além de sua dimensão econômica, a obra de Erik Reinert possui um rico fundamento histórico social, e nos elucida como o processo de desenvolvimento tem as raízes na defesa da inovação via industrialização, e na luta pelo espaço internacional em escalas e concorrências favoráveis. A crítica à liberalização produtiva salienta que as nações que possuem recursos naturais abundantes não podem se dar ao luxo de encarar os limites de crescimento dos rendimentos de escala decrescentes. Por fim, para o autor, a defesa do neoliberalismo não apenas agiu – e ainda age – como fenômeno de desindustrialização e processo de primitivização das economias mais pobres, perpetuando a pobreza em troca da defesa do livre-mercado e das forças de mercado.

4. Comparação das contribuições de E. Reinert e C. Furtado

Embora não haja contemporaneidade entre os autores, o pensamento econômico de Celso Furtado (1983-2009) se complementa com os conceitos abordados e apresentados por Erik Reinert (2016), principalmente no que tange ao estudo do processo de desenvolvimento e de subdesenvolvimento econômico, seja considerando suas raízes históricas ou até mesmo suas consequências recentes.

No caso de Erik Reinert (2016) a ênfase no contexto iluminista europeu é crucial para compreender as raízes do desenvolvimento no velho mundo, enquanto Celso Furtado (2009) apresenta como o fenômeno da revolução industrial é uma clara expressão do processo de desenvolvimento. Ambos os autores concordam com a dinamicidade oriunda da industrialização

⁸ O processo de destruição criadora, é o processo no qual novas combinações dos fatores existentes substituem as antigas combinações, essencial para a perpetuação do processo de desenvolvimento capitalista, segundo o modelo schumpeteriano de desenvolvimento. (Kupfer, Hasenclever, 2013, p.237-238)

e das manufaturas europeias como chave para a geração de crescimento e enriquecimento mais uniforme no velho continente.

Suas críticas ao caráter liberalizante do comércio internacional também se encontram em concordância. Celso Furtado (1983) destaca os efeitos negativos do comércio exterior moderno e contemporâneo, que não foi capaz de promover a dinamicidade capitalista ao redor do globo, mas sim a geração de estruturas econômicas híbridas. Da mesma forma, Erik Reinert (2016) demonstra como, em tempos recentes, a entrada no comércio global, com a adesão às medidas liberalizantes, por parte das economias pobres, acarretara a geração de pobreza – com os desempregos em massa e queda dos salários reais – e desindustrialização, resultando na primitivização econômica das nações. Nesse contexto, Furtado (2009) ressalta que:

Admite-se, por exemplo, em abstrato, o princípio do livre-câmbio; em seguida se condena a industrialização de um país subdesenvolvido porque, dado o baixo nível de produtividade relativa das novas indústrias, estas não resistiriam à concorrência externa. O erro aí não está em aceitar ou não o princípio do livre-câmbio e sim na identificação do problema, o qual não consiste em saber se, dadas as condições de livre-câmbio, é ou não vantajosa a instalação de certa indústria em certo país. (Furtado, 2009, p.94).

A obra de Reinert (2016) demonstra o caráter fundamental dos rendimentos crescentes de escala e da concorrência imperfeita na geração de riqueza, foi a partir da defesa de setores com essas características que alçaram os países ricos a uma posição no comércio internacional com características positivas para o desenvolvimento. Ao mesmo tempo, Furtado (1983) apresenta os efeitos da inserção internacional na dinâmica interna dos países subdesenvolvidos, perpetuando as estruturas híbridas locais e também a concentração de renda, visto a necessidade das elites locais em reproduzir o padrão de consumo das economias cêntricas, aderindo apenas ao processo de modernização econômica, diante da necessidade de reestruturação da dinâmica interna.

Os autores também apresentam em seus livros conceitos que possuem interconexões. O processo de subdesenvolvimento caracterizado por Furtado (2009) como estruturas produtivas híbridas, é incapaz de gerar o dinamismo capitalista nem avançar a fronteira tecnológica. Ao mesmo tempo, a primitivização em Reinert (2016) retrata a consequência da abertura comercial, a entrada do capital internacional pode desestruturar a base industrial da nação, regredindo seu modo produtivo. Em ambos os conceitos, encontram-se as consequências da entrada do capital externo nas economias, seja pela consolidação de estruturas híbridas, como destacado por Furtado (2009), ou pela primitivização total, como pontua Reinert (2016).

Contudo, os autores enfatizam de formas distintas os fundamentos da geração de desenvolvimento e riqueza. A obra furtadiana esboça um contexto cultural singular na configuração do processo de subdesenvolvimento, reforçando o papel das elites econômicas locais na escolha entre a modernização econômica ou a reestruturação produtiva nacional. O pensamento de Reinert (2016) enfoca no caráter fundamental da emulação como superação das vantagens comparativas ricardianas, com maior ênfase no princípio de destruição criativa e das características produtivas e de mercado. apesar da concordância existente entre as visões dos autores, o princípio de modernização é fundamental para a compreensão do pensamento de Celso Furtado, assim como a emulação é a expressão da geração de riqueza e desenvolvimento, segundo Erik Reinert.

Por fim, cabe destacar as discordâncias entre os autores com respeito à escala geográfica da abundância de recursos naturais. A obra de Furtado (2009) destaca que a presença de recursos naturais em terras não ocupadas no período de expansão industrial europeia foi fundamental para a continuidade do processo de desenvolvimento do velho continente, além de destacar que é a partir da abundância de recursos que se inicia o processo de industrialização nos países subdesenvolvidos, apesar de advertir que a exploração dos recursos naturais não se configura no processo de desenvolvimento, apenas o início de como evoluíram as economias periféricas.

Nesse sentido, a obra de Reinert (2016) é enfática com relação às armadilhas oriundas da abundância de recursos naturais, que por meio do resgate ao estudo de Antonio Serra (século

XVII), demonstrou como as regiões abundantes em recursos naturais devem otimizar sua produção por meio da diversificação da pauta produtiva, e não intensificando as atividades oriundas da exploração desse recurso e de sua exportação bruta no comércio nacional e internacional.

Considerações Finais.

Este artigo buscou debater as contribuições econômicas de Celso Furtado (1983-2009) e Erik Reinert (2016), enfatizando as aproximações e divergências das visões acerca do processo histórico de desenvolvimento e subdesenvolvimento. O paralelo entre os autores transcende seus tempos históricos, dada a complementaridade de seus pensamentos a respeito da inserção internacional das economias.

O processo de hibridização é a chave para o entendimento do subdesenvolvimento furtadiano, que em suas raízes tem como principal agente a expansão do capitalismo europeu pós-Revolução Industrial. A perpetuação desse fenômeno encontra-se no desarranjo estratégico nacional, no qual se destaca a industrialização como fenômeno necessário para a geração do desenvolvimento, promovida pelo agente estatal, por meio de suas políticas de fomento aos setores e à melhoria da distribuição de renda, o que se expressa na participação do país nas cadeias produtivas internacionais, em que pese a inserção das nações em setores na vanguarda tecnológica.

A emulação, apresentada por Erik Reinert (2016), é o que permitiu as nações hoje ricas alcançarem altos níveis de desenvolvimento. O ideário iluminista pouco corresponde aos fundamentos ricardianos pregados pelas economias ricas hegemônicas, mas configurou a geração da pobreza nas economias pobres, ao passo que, nessas economias, a especialização recai sobre atividades com rendimentos decrescentes de escala e concorrência perfeita.

Além disso, foi verificado que ambos os autores possuem diversas complementariedades em suas obras. Destacam-se: (i) a defesa da industrialização como motor do desenvolvimento; (ii) a inserção internacional como um setor estratégico das economias; (iii) a crítica ao livre comércio como benéfico a todas as partes; e (iv) a ótica do desenvolvimento como fenômeno histórico e material, não apenas restrito à noção de crescimento econômico. Todavia, os autores divergem a respeito do papel da abundância de recursos naturais como fator que pode determinar a pobreza de uma região. Assim, as contribuições de ambos os autores interpretam a realidade atual, sendo fundamental o resgate dessas ideias para subsidiar questionamentos e formular medidas de política para as economias subdesenvolvidas.

Referências

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; MARCONI, Nelson; OREIRO, José Luís. **Doença holandesa**. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; MARCONI, Nelson; OREIRO, José Luís. **Structuralist Development Macroeconomics**. Londres: Routledge, [no prelo]. Cap. 5.

CRUZ, Simone Rui Martins da. **Países de industrialização recente e subdesenvolvimento: um diálogo entre os pensamentos de Celso Furtado e Ha-Joon Chang**. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, Marília, v. 10, n. 2, p. [67-81], 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/7650>. Acesso em: [6 fev.2025].

DO VAL COSENTINO, D. **Como os países ricos ficaram ricos**. **Iberian Journal of the History of Economic Thought**, v. 4, n. 1, 29 jun. 2017. Disponível em: [\https://www.researchgate.net/publication/318025864 Como os países ricos ficaram ricos]. Acesso em: [18 dez.2024].

FURTADO, Celso. **A construção interrompida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

_____, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

KALVAN, João. **O lugar da nação: estudo da abordagem da nação do dual-estruturalismo de Celso Furtado e nos estudos sobre a dependência de Fernando Henrique Cardoso**. 2000. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001121332>. Acesso em: [10 fev.2025].

KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia. **Economia Industrial: Teoria e Aplicações**. Cidade: Editora, 2013.

MILANI, A. M. R. **A dependência revisitada: a inserção internacional comparada entre América Latina e China na década de 2000-2010**. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 12, n. 21, p. 11–41, 18 dez. 2017. Disponível em: [<https://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/55>]. Acesso em: [3 jan.2025].

NERY, Tiago. **A economia do desenvolvimento na América Latina: o pensamento da CEPAL nos anos 1950 e 1990**. 2015. Tese (Doutorado em Economia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210275_04_pretextual.pdf. Acesso em: [12 jan.2025]

PAMPLONA, João Batista; CACCIAMALI, Maria Cristina. **O paradoxo da abundância: recursos naturais e desenvolvimento na América Latina**. *Revista de Economia e Administração*, São Paulo, v. X, n. Y, p. Z-Z, ano. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/132430>. Acesso em: [2 mar.2025]

PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. 8. ed. São Paulo: Pearson, 2014.

REINERT, Erik S. **Como os países ricos ficaram ricos e por que os países pobres continuam pobres**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.